

Cenário externo leva Bolsa brasileira a recorde histórico

Ibovespa, enfim, renova sua máxima histórica

Principal índice da Bolsa brasileira avança 1,36%, aos 135.778 pontos, puxado por expectativa de corte de juros nos EUA, possível aumento da Selic aqui e bons resultados de empresas. Dólar recua 1%, a R\$ 5,41

PAULO RENATO NEPOMUCENO
paulo.renato@globo.com.br

OIbovespa renovou ontem sua máxima histórica, encerrando em alta de 1,36%, aos 135.778 pontos. Durante as negociações, o principal índice da B3 chegou a superar 136 mil pontos. O recorde anterior, atingido em 27 de dezembro do ano passado era de 134.193 pontos. No último dia 15, o Ibovespa ficou a 40 pontos desse patamar. Para analistas, o novo recorde pode ser superado nos próximos dias.

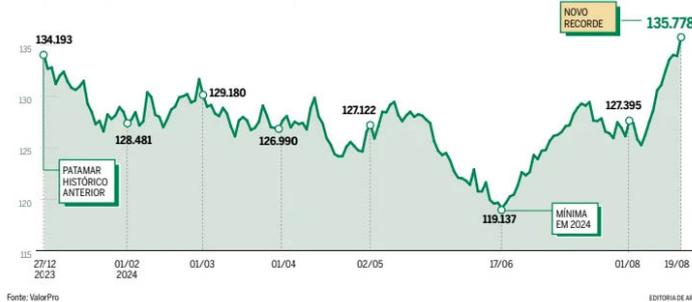
Com a alta de ontem, o Ibovespa agora acumula valorização de 1,19% no ano.

“Se o índice continuar marcando novas máximas ou fechar três pregões pelo menos acima dos 134.400 pontos, mostrará resiliência no movimento e os próximos objetivos estão em 137.000, 141.000 e 150.000 pontos”, afirmaram em relatório os analistas do Itaú BBA Fábio Perina, Lucas Piza e Igor Cabeta.

—Um ponto favorável para algumas ações brasileiras é a possibilidade de um câmbio mais valorizado, beneficiando empresas que dependem disso, como as aéreas. Por outro lado, muitas estão endividadas e precisam de sinais do nosso Banco Central sobre a manutenção dos juros ou pelo me-

A EVOLUÇÃO DO ÍNDICE

Com nova máxima, Ibovespa já acumula valorização de 1,19% no ano



Fonte: ValorPro

EDITORIA DE ARTE

nos que eles não subam muito — diz Gustavo Cruz, estrategista da RB Investimentos.

Levantamento da consultoria Elos Aya aponta que, com o novo recorde, o Ibovespa acumula valorização de 113,6% desde os 63.569 pontos registrados em 23 de março de 2020, no início da pandemia de Covid.

GALÍPOLO

Para analistas, a alta de ontem advém de um cenário misto de aspectos positivos: as expectativas de que os Estados Unidos não caiam em reces-

são e que os juros lá serão reduzidos no mês que vem, assim como os resultados trimestrais positivos divulgados por empresas brasileiras.

—O principal catalisador é o apetite por risco lá fora, que aumentou nos últimos dois meses. É o fato de que o mercado está cada vez mais otimista com o cenário de que o Fed (Federal Reserve, o BC americano) vá cortar os juros em setembro — afirma Jennie Li, estrategista de ações da XP.

A taxa básica dos EUA está hoje entre 5,25% e 5,5%, o maior patamar desde 2001, o

que atrai investidores que não querem colocar dinheiro em mercados de maior risco.

Jerson Zanlorenzi, responsável pela mesa de ações do BTG Pactual, lembra ainda que o diretor de Política Monetária do BC, Gabriel Galípolo, vem reafirmando seu compromisso com o combate à inflação. Ele é visto como o mais cotado para assumir o comando da autoridade monetária no ano que vem.

— Houve uma melhora de percepção de risco do Brasil, após o congelamento de R\$ 15 bilhões, e mais recentemente

do Banco Central. O (Gabriel Galípolo, que tudo indica ser o próximo presidente (do BC), demonstrou uma visão mais dura de combate à inflação e comprometimento em convergir a inflação para a meta — diz Zanlorenzi.

A maior alta do Ibovespa foi a Petz, que saltou 23,87%, a R\$ 4,67. Os papéis ligados à economia interna também tiveram fortes ganhos, como Marfrig (13,19%, a R\$ 14,59), CVC (12,04%, a R\$ 2,14) e Magalu (10,65%, a R\$ 13,92).

Com relação aos juros futuros, a expectativa de que o

BC eleve os juros (leia mais abaixo), as taxas do Depósito Interfinanceiro (DI) nos contratos de curto prazo aumentaram, caindo nos de médio e longo prazo. A taxa DI para janeiro de 2025 avançou de 10,84% para 10,845%. Já aquela para janeiro de 2026, recuou de 11,635% para 11,58%, e a de janeiro de 2028, caiu de 11,505% para 11,385%.

—A política fiscal, que tende a impactar a ponta longa, é o que importa para os investidores. A mais curta é um ajuste sobre as falas mais duras de membros do BC nos últimos dias — diz Jennie Li, da XP.

MOVIMENTO GLOBAL

Jão dólar comercial encerrou em queda de 1,03%, a R\$ 5,41. É o menor patamar desde 24 de junho, quando encerrou a R\$ 5,39. O movimento de desvalorização da moeda americana foi global.

—A desvalorização global do dólar vem da aposta no corte dos juros nos EUA — diz Camilla Abdelmalack, economista-chefe na Vedhaa Investimentos, que cita ainda a avaliação de que o BC vai subir a Selic. — Isso gera uma expectativa de aumento no diferencial de juros (entre Brasil e EUA), atraindo capital estrangeiro com essa possível “gordura” de juros aqui.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 15